

## Entrevista – André Lemos

23 de Abril de 2014

Por Fagner França

### Apresentação

Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, doutor em sociologia pela Université René Descartes, Paris V, Sorbonne, pós-doutor pela University of Alberta e McGill University, Canadá, André Lemos é um dos mais reconhecidos e respeitados pesquisadores do Brasil e do mundo quando o assunto é cibercultura. Entre seus livros dedicados ao tema estão *Cidade Digital* (Edfuba, 2007), *Olhares sobre a cibercultura* (Sulina, 2003), do qual foi um dos organizadores, *Cultura das Redes* (Edufba, 2002) e *Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea* (Sulina, 2002, 2004, 2008), além de diversos *papers* e artigos acadêmicos. Em abril, André Lemos aceitou gentilmente colaborar com o nosso dossiê e concedeu uma entrevista, por e-mail, para a revista Inter-Legere, pela qual agradecemos. Nela, o professor fala, dentre outras coisas, sobre seu novo livro, *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura* (Annablume, 2013).

### 1. O senhor acaba de lançar um livro que trata sobre a Teoria do Ator-Rede. Em poucas palavras, do que trata a teoria?

A Teoria Ator-Rede (TAR) é, mais do que uma teoria ou uma metodologia, uma ontologia na qual a vida social se produz por associações entre humanos e não humanos, os quais podem, em determinados momentos, assumir o controle da ação. Há uma simetria aqui bastante interessante e muito negligenciada nos estudos dos objetos técnicos, principalmente os comunicacionais. Para uma área na qual os objetos técnicos são fundamentais, como, por exemplo, a comunicação (mas onde eles não seriam?), esta teoria pode ajudar a valorizar as relações, as materialidades, os rastros das ações que constituem o social (como associação). Nesse sentido, tudo é social e tudo é mediação, tradução de um ator em outro. Sendo mediação, a comunicação pode sair da sua visão purista, e até mesmo infantil, de tentar encontrar um domínio para chamar de seu. Não há domínios separados. Tarde dizia: “Tudo é social”. Talvez seja mais interessante dizer hoje “tudo é comunicação”, do que dizer “isto não faz parte da comunicação”. Esta é uma luta política, mas não tanto epistemológica. Bom, não há sociedade, técnica, ciência, cultura, natureza. A TAR propõe achatar esses “domínios” e valorizar as redes, aquilo que se constitui no curso de uma ação. Rede aqui não é infraestrutura, mas mediação, o que se constitui e se dissolve nas associações. Não há social sem formação de redes e

todo objeto (humano e não humano) é um ator-rede, ao mesmo tempo individualidade (?) e pluralidade. Melhor seria, como propõe Serres, falar de "quasi-sujeitos" e "quasi-objetos".

## **2. Quais as mudanças na técnica e na sociabilidade para que possamos falar de uma cibercultura?**

Ora, é só olhar a vida que se faz ao nosso redor e veremos como os objetos digitais e em rede (o que podemos chamar de “ciber”) estão em constante e progressiva hibridização com os humanos e outros não humanos. Isso é a cultura contemporânea, ou cibercultura, se usarmos esse péssimo termo apenas para delimitar um “domínio”. É útil, mas não ajuda muito na ontologia do social. Em todas as áreas, estes objetos-rede e estes "quasi-sujeitos" (em rede) se relacionam de forma a alterar estabilizações anteriores. A internet, os telefones celulares, os *tablets* e os computadores entram em associações como hábitos, práticas, normas; por isso, há inúmeras mudanças na atual cultura – o que você está chamando de técnica – e na sociabilidade. É difícil, a não ser de forma artificial e usada para facilitar a explicação, separar estes campos. Ora, os exemplos são inúmeros: no jornalismo, nas relações intersubjetivas, no lazer, na organização das empresas, na educação, nas estruturas de governo... Difícil é achar um “domínio” que não tenha sofrido transformações com o surgimento das tecnologias digitais em rede.

## **3. A redução do face a face no jogo comunicacional pela internet compromete a comunicação? Como fica a dimensão da experiência nas relações mediadas por computador?**

É difícil sustentar que haja diminuição do face a face no jogo comunicacional com a internet e que isto estaria comprometendo a comunicação. Bom, se entendemos comunicação como a troca entre humanos sem interferências, ela é constituída assim apenas por uma visão idealista e talvez nunca tenha existido. Se partirmos dessa visão essencialista, perdemos as redes que se formam e fechamos os olhos para o que de fato está acontecendo (para o melhor ou o pior). De uma forma geral, as comunicações pela internet reforçam não só contatos já existentes, como criam outros, reforçam o uso do espaço urbano e cria novos sentidos de lugar. O problema dessas novas práticas (associações entre humanos e não humanos) não é o isolamento e a perda da dimensão da experiência, mas justamente o contrário: a conexão permanente, a expansão dos contatos, a permanente conexão com o que já interagimos, a ampliação das experiências, um complemento do face a face. Por isso ela é tão sedutora (seduzir é desviar, e comunicar pode ser visto como esta ação de desvio com o outro humano e não humano). O problema que vejo é justamente o contrário: as pessoas têm grande dificuldade de se isolarem, de ficarem sós, de romperem a comunicação entre elas e com os objetos. O problema da internet não é comprometer a comunicação. Esta seria até uma possível solução para os problemas de relação como os objetos midiáticos (parar a conexão, se isolar,

cessar o fluxo comunicacional). Normalmente, analisa-se a internet de uma maneira equivocada, justamente por partir de essências presumíveis do que é a técnica, a comunicação e o indivíduo. Se esquecermos um pouco esta visão essencialista e olharmos para os rastros do que está efetivamente em associação (é isso que nos ensina a TAR), poderemos valorizar, agora, finalmente, a comunicação, a técnica e o jogo entre indivíduos. A visão essencialista – aparentemente crítica, mas mal formulada –, é uma forma de ocultar a técnica, a comunicação e o sujeito. Precisamos, ao contrário, reabilitá-los, trazê-los à luz para podermos falar deles e mostrar o que de fato está nos colocando à prova (a nós como indivíduos, como coletividade e como animais de um planeta). Ou seja, sem essência, olhando as redes, podemos politizá-los. Olhando as essências, escondemos, produzimos críticas ou elogios ruins, pois estamos justamente desconectados das associações (ou seja, do social).

#### 4. De que forma as Ciências Sociais podem contribuir para o estudo da cibercultura?

Fugindo justamente da visão estruturalista, essencialista e olhando as redes que se formam, compreendendo a sociedade como o que se constitui nas associações e não como o que explica as associações. As ciências sociais podem ajudar a compreender que a técnica, a comunicação, o objeto e o sujeito se definem sempre por traduções, mediações, delegações e que o que aparentemente é uma individualidade, não passa de uma estabilização momentânea de redes em formação. Se fizermos isso, ela pode ajudar a mapear e a rastrear o que está em associação, sem *frames* explicativos, definidos *a priori* e para sempre, que cegam os analistas para os atores que estão em luta para estabilizar as suas redes. Assim, podemos enxergar potencialidades e negatividades sem que uma delas seja aplicada a todas as coisas, já que o frame constituído não olha para os atores e, sim, apenas para si mesmo. Por exemplo, a internet é emancipadora ou fruto da racionalidade técnica e militar aniquiladora de toda boa comunicação e relação social? O Twitter e o Facebook são ferramentas para a revolução política 2.0 ou apenas lugar de narcisismo e hiperindividualismo? Ora, se não pensarmos em essências, podemos afirmar que eles não são nada, que se definem (e foram em algum momento definidos – o que afirma que eles nunca são neutros) nas associações e que, em determinadas estabilizações, podem ser uma coisa ou outra. Mas, o que eles são agora, não pode ser aplicado ao futuro, definindo o que serão em todas as outras associações. Há, aqui, um princípio de irredutibilidade que nos dá mais trabalho. Temos de abolir os *frames* e olhar sempre para as redes. Assim, para a comunicação e as ciências sociais como um todo, é mais interessante descrever as relações, apontar os planos de ação que estão em voga em determinado momento e revelar o que está por trás dessa ou daquela caixa-preta. Se fizermos isso, se abandonarmos a perspectiva essencialista da técnica e da comunicação, podemos ver a rede. A busca pela essência é o motor dos erros tanto dos críticos como de fundamentalistas otimistas. As ciências (não a estruturalista durkheimiana, insiste Latour e teóricos da TAR) podem ser úteis se fizerem o que é próprio do social: olhar as associações, descrevê-las e desocultar os objetos, politizando-os.

ISSN 1982-1662

# revistainter-legere

REVISTA SEMESTRAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - UFRN